

II Congresso Histórico Internacional

AS CIDADES NA HISTÓRIA: SOCIEDADE

18 a 20 de outubro de 2017

ATAS

ORGANIZAÇÃO | PROGRAMA | CONFERÊNCIA INAUGURAL

CIDADE ANTIGA

2017

FICHA TÉCNICA

Título

II Congresso Histórico Internacional
As Cidades na História: Sociedade

Volume

Organização | Programa | Conferência inaugural
I - Cidade Antiga

Edição

Câmara Municipal de Guimarães

Coordenação técnica

Antero Ferreira
Alexandra Marques

Fotografia

Paulo Pacheco

Design gráfico

Maria Alexandre Neves

Tiragem

200 exemplares

Data de saída

Dezembro 2019

ISBN (Obra completa)

978-989-8474-54-4

Depósito Legal

364247/13

Execução gráfica

Diário do Minho

ÍNDICE

ORGANIZAÇÃO | PROGRAMA SESSÃO DE ABERTURA SESSÃO DE ENCERRAMENTO

PRÓLOGO

pág. 35

Poblaciones en transformacion: las ciudades a traves del tiempo

Diego Ramiro Farinas

CONFERÊNCIA INAUGURAL

pág. 43

Perseguir a História Social a partir do Repositório Genealógico - desafio sempre em aberto

Uma aplicação sobre Guimarães dos quatro últimos séculos

Maria Norberta Amorim, Antero Ferreira, Amaro das Neves, Filipe Salgado

CIDADE ANTIGA

CONFERÊNCIA

pág. 75

Cidade Antiga e Sociedade: Narrativas e Diálogos Interdisciplinares

Manuela Martins, Gilvan Ventura da Silva

COMUNICAÇÕES

pág. 111

Estratégias familiares e disputas políticas na África proconsular: o caso da cidade de OEA (Séc. II d.C.)

Belchior Monteiro Lima Neto

pág. 125

Como e onde se enterrava em *Bracara Augusta*?

Cristina Maria Vilas Boas Braga

pág. 155

Reflexões sobre a economia de *Bracara Augusta*. O contributo dos tesouros monetários

Diego Santos Ferreira Machado

pág. 177

A Concorrência Política e Cultural entre as cidades de Antioquia e Beirute na Antiguidade Tardia:

Libânio e a defesa das Escolas de Retórica em oposição às Escolas de Direito (séc. IV d.C.)

Érica Cristhyane Moraes da Silva

pág. 195

Entre os espaços e os homens: reconstrução do quotidiano doméstico

Fernanda Magalhães, Manuela Martins

pág. 219

O custo com os trabalhadores da construção e atividades subsidiárias. O caso de *Bracara Augusta*

Jorge Ribeiro

pág. 245

Vrbi et orbi: a cidade como definidora de romanidade nos *annales* de Tácito

Manuel Rolph Cabeceiras

pág. 261

Esparta katà kómas: organização espacial do território (VIII-V a.C.)

Márcia Cristina Lacerda Ribeiro

pág. 279

Cidades Gregas na Calábria Antiga: A configuração dos territórios de Lócris e Régio (sécs. VII-V a.C.)

Maria Beatriz Borba Florenzano

pág. 301

El extranjero en la ciudad: formas de integración privadas

Ma Dolores Dopico Caínzos

pág. 325

The notion of polis in Aristotle's *Politics*

Patricio Tierno

pág. 341

Paulo e as Comunidades: Debates acerca das diferenciações das Comunidades Urbanas Paulinas e Conflitos sobre a Participação Feminina

Roberta Alexandrina da Silva

pág. 361

La cerámica de producción bracarense como indicador de las actividades económicas, gustos y costumbres de los habitantes de *Bracara Augusta*: Nuevas aportaciones

Sara Barbazán Domínguez, Manuela Martins, Eduardo Ramil Rego, Fernanda Magalhães

pág. 387

Mulheres e urbs: estudos sobre sociabilidades femininas em cidades romanas entre o IV e V séculos d.C.

Silvia M. A. Siqueira

***Vrbi et orbi*: a cidade como
definidora de romanidade
nos *annales* de Tácito**

Manuel Rolph Cabeceiras

Instituto de História da Universidade Federal Fluminense, IHT-UFF, Niterói, RJ, Brasil

mrcabeceiras.uff@gmail.com

***Vrbi et orbi*: a cidade como definidora de romanidade nos *annales* de Tácito¹**

In the “*Annales*” of Tacitus we can walk through a hierarchical world, ordered from the city: *Vrbi et orbi*, Caesar emperor (that is, Augustus and his successors) speaks to the city and the world. Cities in general and Rome in particular, the city is the foundation of the universe, orders the orbe. It is its center of gravity, around it curve and structure the space. And it is the defining city of Romanity, since the Roman is understood as the people subject to the law of the empire, united by the “*fides*” and living in cities. It is through this coexistence that other peoples can adopt the Roman way of being, whether they have acquired citizenship or not, as is the case with pilgrims, foreigners living in the cities of the empire. Each in its own way, hybridizing. How this universe and this Romanity are presented in the “*Annales*” by Tacitus is what we intend to demonstrate.

“*Vrbem Romam a principio*”, “a cidade de Roma foi de início”, abre a narrativa de Tácito: *Annales* I, 1. Do início ao final é o seu lugar de fala, plataforma a partir da qual avista e abraça o império e além.

Já então havia afirmado Vitruvius (*De Architectura, praefatio*, I), “Por tua divina inteligência e inspirado gênio, César imperador, foi sujeitado o governo do (círculo do) mundo”. Ao proclamar “*imperio potiretur orbis terrarum*”, obteve, adquiriu o domínio ou o império do *Orbis Terrarum* do círculo do mundo.

Ora, vale distinguir o círculo do mundo não se equipara à *oikouménē*, a terra habitada. O que se enxerga aqui (no modo como se desenha nestes textos) dois círculos concêntricos e ao primeiro (contido no segundo) não pertencem as *externae gentes*, os bárbaros, os quais além império situar-se-iam na parte do segundo círculo não sujeitada diretamente pelo

¹ Este estudo tem como ponto de partida a minha tese de Doutorado em História Antiga e Medieval, “*Urbi et Orbi, Nós e os Outros*: Romanidade(S), Fronteira Étnica e a História como Escrita dos Dilemas Pátrios”, desenvolvida sob a orientação do Prof. Dr. Ciro Flamarion Cardoso e defendida 2013 no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense (UFF).

primeiro. Nos *Annales* de Tácito podemos percorrer um mundo hierarquizado, ordenado a partir da cidade. É *urbi et orbi*, à cidade e ao orbe que se dirige César imperador, isto desde Augusto e todos os seus sucessores.

A cidade é Roma por excelência, capacitada a atrair para si tudo, inclusive o que há de pior, como anota quando comenta existir no seio da cidade a nefanda superstição dos cristãos, afinal na *caput mundi* acabam por serem acolhidos tudo o de mais atroz e vergonhoso há no universo (*Annales* XV, 44)². Todos sonham com Roma, pois nela se ordena e dá fundamento ao cosmos. É o seu centro de gravidade, em torno de Roma se curva e se estrutura o espaço, mas também o tempo, ritmado pelos anos consulares à maneira dos vetustos anais. Assim cada cidade do império forma junto à Roma uma trama, unida a ela pelo mar, estradas e rios, garantindo-lhe capilaridade e uma cor local, original mas romana ao seu modo.

E assim percebe-se a cidade definidora da romanidade³, pois o romano é entendido como o povo submetido à lei do império, unido pela *fides* e vivendo em cidades. É através desta convivência que outros povos podem se afeiçoar ao jeito romano de ser, tenham eles adquirido a cidadania ou não, como é o caso dos peregrinos, estrangeiros residentes nas cidades do império⁴. Este é o quadro da romanidade que ecoa e vibra dos *Annales* entretido cuidadosamente por Tácito.

Todavia é preciso esclarecer não comungarmos com leituras fixistas de identidade e da identidade romana em particular, delas demarcando um decidido afastamento. Não é um conjunto especial de valores e/ou práticas, menos ainda um idioma, que perpassando autores e gerações identifica um povo ou etnia, neste caso o ser romano. Não existe um modelo a ser seguido e transmitido ao qual se busca afeiçoar ou rejeitar.

Se tal ideia não passa de quimera, argumentar que o ser romano resumia-se à categoria jurídica desta cidadania em nada se equiparando a uma etnia é transformar o romano em um fantasma. Ao vetar a sua identificação como povo, rejeitando-lhes a auto-imagem que faziam e negando-lhes o etnônimo que para si escolheram, o que resta ao esvaziar o significado de povo na expressão “povo romano”?

² [...] *repressaque in praesens exitiabilis superstitio rursum erumpebat, non modo per Iudaeam, originem eius mali, sed per urbem etiam, quo cuncta undique atrocitas aut pudenda confluent celebranturque.*

³ Sopesando o fato da mais antiga referência, que chegou até nós, do termo “romanitas” (“romanidade”) em textos latinos antigos advir de Tertuliano em obra datada entre 193 a 223 A.D. (*De Pallio*), defendemos a ideia dos romanos possuírem a noção (aqui por esse termo designado) da existência de aspectos do ser romano tais como valores e práticas que lhe eram próprios e lhe definiam ao menos desde os tempos de Cícero. A preocupação de Marques (2007: 21 nota 43), reverberando Adams (2003), de se incorrer em anacronismo ao repercutir um entendimento próprio dos estudos culturais anglo-saxônicos cai por terra pelo uso da compreensão barthiana de etnicidade por ser relacional, dinâmica e fluida.

⁴ Aqui convergimos com Wiedemann (1995: 46), retomado em Funari (2003: 43), ao identificar a ideia de civilização com romanidade (dissociando-as de “*humanitas*”) e associando-as à urbanidade (“*urbanitas*”), contrapondo-as ao barbarismo. O fato de haver quem as tente restringir ao âmbito das elites, como volta e meio é reivindicado, não significa que este não seja um ponto disputado entre quem se sentisse abrangido pela romanidade, independente de sua proveniência social.

O fato é que a rigor poder-se-ia falar de romanidades a depender dos elementos realçados na relação nós-outros em cada contexto configurado, as quais também são tornadas objeto de disputa entre os diferentes grupos sociais. Inclusive política. A isto se denomina “fronteira étnica” (Barth, 1998).

É a partir desta perspectiva que se pode extrair toda a consequência da afirmação de Gregory Woolf (2000: 120) dos romanos se verem como membros de uma comunidade político-religiosa dotada de um modo de vida, valores e costumes próprios, ao invés de se atrelarem a uma determinada língua ou uma etnia percebida como biologicamente herdada, isto é como algo atávico. Vale frisar modo de vida, valores e costumes, apesar de vistos como próprios, não necessariamente entendidos da mesma forma e nem sempre realçados os mesmos.

Estamos convictos, o olhar de Tácito nos *Annales* é o do ponto de chegada de seu percurso reflexivo, a nosso ver o seu testamento intelectual, onde frutifica tudo o que veio sendo desenvolvido e amadurecido ao longo de sua vida. Sobressai como fio condutor costurando-lhe as ideias e intuições a sua própria noção de romanidade e de império. É interessante notar como a posição de Tácito neste quesito pode-se dizer partilhada com os imperadores, mormente mais abertos e pragmáticos na aceitação de novos grupos no seio do povo romano. E isto independente do príncipe demonstrar-se pusilânime em outras áreas ou exibir um caráter repreensível.

Exemplo lapidar é a polêmica envolvendo o imperador Cláudio e um grupo de senadores (XI, 23-25) sobre a justeza ou não de conceder aos éduos, um ramo dos gauleses já inserido na cidadania romana, a dignidade senatorial por eles pleiteada, diante da existência de vagas no egrégio conselho. O texto é claro ao indicar preencherem os pleiteantes os requisitos formais para tanto, mas tinham encontrado resistência cerrada entre senadores defensores de uma solução mais doméstica, italiota, denunciando os éduos como estrangeiros a exibir um passado desabonador onde teriam traído a confiança do divino Júlio à época da Guerra Gálica.

O detalhe é que em momento algum a cidadania romana dos éduos é contestada por estes senadores, embora pareçam argumentar que não seriam eles suficientemente romanos para serem aceitos no Senado. Romanos para serem cidadãos, mas não para serem senadores.

É o próprio príncipe, e um príncipe cuja *gens* se orgulhava tanto de sua origem sabina quanto de sua contribuição para Roma, quem se coloca contrário a tal entendimento e de maneira desabrida, descortinando ao Senado a impropriedade desses argumentos. Em seu pronunciamento, conhecido como “*oratio claudiana*”, chega a rememorar que o próprio Rômulo ao fundar a cidade o fizera de espírito desassombrado, acolhendo sem qualquer tergiversação ou restrição de proveniência quem desejasse fazer parte do povo romano.

Não impôs o *pater patriae* qualquer cláusula condicionante além do zelo terra onde se erigira a cidade, a terra dos novos pais.

Assim Cláudio respondeu-lhes (XI, 24-25, grifos nossos):

A lembrança de meus antepassados, entre os quais o antiquíssimo Cláudio, de nação sabina, admitido em Roma como cidadão patrício, exorta-me a administrar a república segundo seu exemplo, e me aconselhar a transferir para aqui tudo o que por fora encontrar de mais ilustre. Não ignoro que os Júlios nos vieram de Alba, os Coruncânios de Camério, os Pórcios de Túsculo, e para não remontarmos a tão alta antiguidade, lembrarei que da Etrúria, da Lucânia e de toda a Itália temos recrutado cidadãos para o Senado; e finalmente estendemos a Itália até os Alpes, para que, não só indivíduos aqui e ali escolhidos, mas todas essas regiões e povos se unissem sob o nome romano. Gozamos então de paz interna e nos sentimos fortes contra os povos externos, quando os Transpadanos foram admitidos aos direitos de cidade e, levando aos confins do mundo as nossas legiões, concedemos os mesmos direitos aos mais esforçados das províncias, e assim pudemos acudir ao império que se exauria.

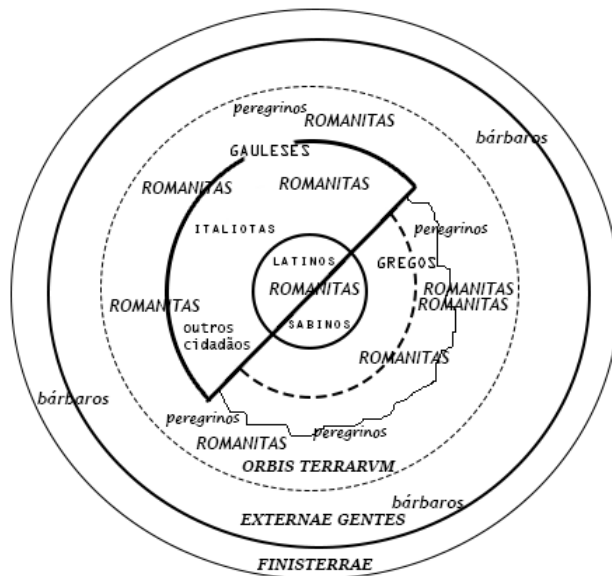
Por ventura arrependemo-nos nós de ter importado da Hispânia os Balbos e da Gália Narbonense outros não menos insignes varões? **Aí estão seus descendentes, em nada inferior a nós no amor desta pátria** [*Manent posterī eorum nec amore in hanc patriam nobis concedunt*]. Quem mais contribuiu para queda dos Lacedemônios e Atenienses embora poderosos em armas, que repeliram como estrangeiros os povos vencidos? **Outro foi o sábio procedimento de Rômulo, nosso fundador, que acolhia hoje como concidadãos os seus inimigos de véspera** [*At conditor nostri Romulus tantum sapientia valuit ut plerosque populos eodem die hostis, dein civis habuerit*].

Estrangeiros reinaram em Roma [*Advenae in nos regnaverunt*]; filhos de libertos foram elevados às magistraturas, **não desde pouco tempo, como erradamente pensam muitos, porém desde os nossos princípios** [*ut plerique falluntur, repens, sed priori populo factitatum est*]. Mas com os Sênones nós tivemos guerra; os Volscos e Équos nunca nos deram batalha. Os Gauleses invadiram Roma; aos Etruscos tivemos de dar reféns; dos Samnitas sofremos o jugo. Entretanto, se bem atentarmos nessas campanhas havemos de reconhecer que a da Gália custou menos

tempo, e desde então, temos com ela contínua e sincera paz. **Misturados já conosco por afinidade, costumes e artes**, é melhor que nos tragam os Gauleses as suas riquezas que viverem de nós separados.

Todas as coisas, padres conscritos, julgadas hoje antiquíssimas, **foram novas em seu tempo** [*Omnia, patres conscripti, quae nunc vetustissima creduntur, noua fuere*]. **Depois dos magistrados patrícios, tivemos os plebeus; depois dos plebeus, os latinos; depois dos latinos, os oriundos das outras partes da Itália.** O que hoje procuramos legitimar com exemplos, **será antigo algum dia** e por sua vez alegado como exemplo [*Inveterascet hoc quoque, et quod hodie exemplis tuemur, inter exempla erit*].

Como se vê Cláudio, ou Tácito através de Cláudio, nos presta o melhor testemunho sobre o entendimento romano de se compreender a etnicidade “à maneira de Rômulo”, posto por ele, no dizer do príncipe, a ter miticamente inaugurado, e ainda nos evidencia o quanto a praticidade romana é consoante à compreensão barthiana de etnicidade.



No diagrama anterior se vê detalhada a organização espacial anunciada em Vitruvius e discriminada por Tácito nos *Annales*, podendo neles serem inseridos os grupos étnicos objetos do relato. À margem, para além do *orbis terrarum*, os povos de fora, as *externae gentes* designadas por Tácito de bárbaros e contrapostas ao núcleo mítico da romanidade:

latinos e sabinos, de dois povos tornados um único povo, o romano, ao ser concretizada a fundação de Roma com o fim da guerra desencadeada pelo “rpto das sabinas”, no entanto apenas completa mesmo com o sexto rei, o etrusco Sêrvio Túlio, “o nosso verdadeiro legislador”, autor do corpo de leis às quais os mesmos reis tinham obrigação de obedecer (III, 26: “*Sed præcipuius Servius Tullius sanctor legum fuit, quis etiam reges obtemperarent*”).

Depois os itálios, afinal progressivamente a Itália se torna uma extensão da própria cidade de Roma, integrando uma área concêntrica a do núcleo mítico, a qual junto com este passado o tempo vem a constituir um núcleo estendido ou segundo núcleo. O império são províncias (sendo a Sicília a primeira em 241 a.C.), externo à península.

No período abrangido pelos *Annales* a integração peninsular ao espaço cívico já perfazia praticamente completa cerca de um século quando tem início a narrativa em 14 d.C., afinal a absorção dos aliados itálicos à cidadania romana plena decorre do fim da Guerra Mársica, também chamada de Social, em 88 a.C. Restava apenas o extremo norte, os Alpes Marítimos, cuja obtenção da cidadania latina é mencionada em XV, 32.

Entre os peregrinos (que sem deter qualquer grau da cidadania estavam sob a proteção da lei romana pelo simples fato de residirem no império), nos *Annales* de Tácito, transitando entre tal espaço e o segundo núcleo, nas franjas deste, dois grupos aparecem destacados: os gauleses e os gregos, a depender de quem se esteja a tratar e da circunstância.

É interessante observar, como ilustrativo desta diversidade no primeiro destes dois povos, a administração imperial identificar três grupos de gauleses, distribuídos em três províncias. Da mais próxima à mais distante: a *Togata*, no Vale do Pó, autorizados a vestir a toga por serem os mais antigos a obterem a cidadania romana; a Narbonense, também chamada simplesmente de a Província ou, em virtude do uso de calças de couro chamadas bragas, de *Bracata*; a *Comata* (significando “cabeluda”), dela provindos os éduos objeto da mencionada *oratio claudiana* e mais adiante também designada de “Três Gálias” por se constituírem em três províncias com uma única capital em *Lugdunum* (Lyon), a saber a Lugdunense, a Aquitânia e a Belga.

Apesar do que possa parecer à primeira vista a cidadania (em qualquer grau) não é uma forma de ingresso na *romanitas*. Ao menos para Tácito é unicamente o seu reconhecimento formal, o qual também não precisa de ocorrer para que tal se dê. Cidadania é o efeito, não a causa. E a causa ou a porta não é única. Como já afirmado preliminarmente, Tácito distingue três portas ou caminhos: a submissão à lei romana, os laços de *fides* e o residir em cidades.

Pouco depois de Tácito, uma idêntica compreensão ainda nos Antoninos, em meados do século, podemos encontrar em Apiano. Oriundo de Alexandria junto ao Egito e escrevendo em grego, mas já residindo em Roma, onde advogou aproximando-se do poder imperial e obteve o cargo de procurador, é o autor de *Ῥωμαϊκᾶ* (em latim *Historia Romana*).

Enquanto Tácito, porém, entretece a trama do império como uma radiografia realista e pragmática desde a primeira letra visando orientar o príncipe e quem se acha em torno dele ou por ele age enquanto agentes deste império, Apiano em seu *Præfatio* (e nos limitaremos a esta parte de sua obra), embevecido pelos anos de paz e estabilidade (anos bem diferentes dos de formação de Tácito) nos propõe um mergulho na explicação de como Roma e o mundo teriam chegado a momento tão feliz.

Com Apiano chegamos a sobrevoar os vastos domínios do império romano (*Præfatio* I, 1-5), para então ver abordado de modo sucinto o ritmo expansionista e as formas de governo que nele se sucederam, anunciando o advento dos *αὐτοκράτορας* (*αὐτοκρατές* é a tradução grega do latim *imperator*, “imperador”) e indicando os exércitos (I, 6) como a razão de sua força e poderio⁵.

A vida presente é descrita (I, 7) desfrutando de **longeva paz** (*πάντα ἐν εἰρήνῃ μακρά*) e de provada e feliz segurança (tempos venturosos: *καὶ εὐσταθεὶ προήλθεν εἰς εὐδαιμονίαν ασφαλή*). Roma comunicava, e em grande estilo, estendendo por contágio às demais cidades do império, por ela estarem associadas, aquilo que se esperava de uma cidade: segurança.

Em um mundo marcado pelas mais diversas ameaças ao cotidiano das pessoas, o imaginário frequentemente representava as cidades muradas, expressão de uma mentalidade forjada ao longo de milênios que as via como lugar de proteção e refúgio. A promessa era de resguardar a quem nela confiava, protegendo-a de forças hostis dos mais diversos tipos, desde as advindas diretamente de uma natureza semeadora de ventos e tempestades até as promovidas pelos bárbaros, agentes humanos da face inconstante e imprevisível dessa natureza resistente e rebelde a toda sorte de controle e disciplina.

Nunca antes de Roma, reitera Apiano, em área tão extensa e por tanto tempo (*Præf.* I, 8, 1⁶), uma cidade lograra curvar tamanho espaço ao seu feitio. E assim “através da prudência e boa sorte tem o império dos romanos alcançado a grandeza e a duração destacando-se de todos os outros em coragem, paciência e trabalho duro”. Seriam estes os elementos a lhes permitir, após vicissitudes de toda espécie, entre desafios e perigos, alcançarem “a grandeza presente, tendo desfrutado os favores da fortuna através da sabedoria” (*Præf.* I, 11)⁷.

⁵ Quando se busca no Perseus (<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.02.0077>, acesso em 15ago2017), pesquisando os termos empregados, constata-se nos *Annales* a larga preferência de Tácito pelo designativo *princeps* (em grego correspondendo a *ἡγεμών*) em detrimento a *imperator*: são 235 ocorrências contra 91.

⁶ Este juízo aqui apresentado (*Ἀρχὴ τε ουδεμία προήλθε πω μέχρι νυν ἐς τοσούτο μεγέθους καὶ χρόνον*) é demonstrado ao longo não apenas desta seção mas também a 9 e 10, cotejando a grandeza do império romano com a de seus antecessores que nem de longe são tidos como rivais à altura.

⁷ Τα δε Ῥωμαίων μεγέθει τε και χρονω δίνεγκε, δι' εὐβουλίαν και χρόνον ἐς τε την περίκτισιν αυτών ἀρετη και φερεπονία και ταλαιπωρία πάντας υπερήραν. [...] ἐὼς ἐπτακοσίους ἐτεσι κακοπαθουντες τε και κινδυνησοντας, ἀγχωμάλως την αρχήν ἐς τότε προήγαγον, και της εὐτυχίας ωναντο δια την εὐβουλίαν.

Sem dúvida este tom festivo passa longe de Tácito, mas Apiano nos é útil por frisar o que se espera de uma cidade e em especial de Roma, ao tempo que exhibe a mesma disposição espacial anunciada em Vitruvius e em Tácito desenvolvida: a terra e o mar envoltos num grande círculo como os muros de uma fortaleza bem guarnecida diante dos perigos que lhe rondam a preservar a ordem no orbe (Præf I, 7: *Τὴν τε ἀρχὴν ἐν κύκλῳ περικάθηται μεγάλοις στρατοπέδοις, καὶ φυλάσσουσι τὴν τοσὴνδε γῆν καὶ θάλασσαν ὡσπερ χωρίον*).

Contudo, o império, *imperium*, visto de fora, é uma realidade que se impõe e a cidade enquanto centro, Roma, não só desempenha em relação a ele um papel axial enquanto centro do orbe, mas também dele depende. Mantê-lo, para além de ser uma responsabilidade, também é manter-se.

Urbe et orbi, da *urbe* para o *orbi* e do *orbi* para a *urbe* não é um mero jogo de palavras. Em Tácito, nos *Annales*, dando prosseguimento e coroando o movimento iniciado em suas *Historiæ*, a perspectiva é ampla e essencialmente universalista.

De forma dinâmica a contrapor o *imperium*, temos os *barbari*. Ora, quanto ao *barbarus*, não há titubeios. Mais que o não dominar o latim ou o grego é o não integrar o orbe imperial que o faz rude, selvagem e inculto, manifestando-se através de sua perfídia, o não estar submetido às leis e ter na cidade a sua morada.

O universalismo de Tácito nos faz passar em revista a uma miríade de povos, no entanto não há como distinguir muito um do outro ao carimbar todos como bárbaros. Até mesmo quando algo pode vir a soar como característico de determinado povo, a distinção se dissolve no ar. Um exemplo deste mecanismo nos é dado quando se fala dos eunucos. Apesar de neste ponto claramente se referir aos “partas”, assevera que tal condição “entre os bárbaros não traz desonra, mas é um título para se chegar ao poder” (*Annales*, V, 31).

Entre bárbaros, para Tácito o etnônimo é efetivamente quase a única distinção entre os povos assim classificados. Mas isto não significa que devemos pensá-los como simples antagonistas de Roma. pois também a eles as portas da romanidade estão abertas. Dentre os povos que vivem nas franjas do orbe, transitando entre o império e o núcleo estendido, a escolha entre a romanidade e a barbárie está aberta para gauleses, britanos, germanos, númidas, armênios e partas, entre outros.

E não se pode deixar de fazer notar que mesmos os gregos culturalmente tão afins aos romanos não escapam de transitar entre uma e outra condição dada a proximidade das tentações orientais.

Não que tais considerações sobre a barbárie devam ser tidas como imperativo expansionista, afinal no decurso de todo os *Annales* reverbera insistente a recomendação feita por Augusto de próprio punho (I, 11), objeto de leitura pelo Senado após as exéquias do seu autor:

[...] em que eram mencionados todos os recursos da república, a quantia de cidadãos e aliados que estavam em armas, o número das frotas, reinos e províncias, o valor dos tributos e impostos, das despesas necessárias e gratificações, tudo escrito por mão de Augusto, que acrescentava o conselho de se conservar o império dentro de seus limites, não se sabe se por medo ou por inveja⁸.

Tácito é bem consciente das ameaças internas ao *imperium* e às suas cidades, com Roma à frente, representadas pela rapacidade, imoderação e negligência no trato da coisa pública e a tais ameaças dá o devido destaque. Quanto a ser bem sucedido no seu enfrentamento, sem tergiversação de qualquer a receita de Tácito é uma só. O príncipe e seus agentes devem ser zelosos no trato do governo e nele evitar com tenacidade o cometimento de abusos e excessos.

Na ótica distintiva do *orbis terrarum* as guerras e rebeliões registram-se justamente nas franjas acima indicadas e são apresentadas como motivadas quer pelo desleixo ou pelo destempero: Armínio, Artabanos, Boudicca, Caractaco, Cartimândua, Mitrídates, Tacfarinas, Tigranes, Tirídates e todos os demais. Gente que representa povos que o império busca educar através da sujeição à lei e da vida urbana, alternando a *clementia* e a punição, fazendo-os progressivamente inserir em alguma forma de romanidade e, assim, ao ampliar a sua base social, quer pela sujeição ou, antes, pela aliança, não tem outro motivo senão o fortalecimento e a manutenção do império do povo da cidade de Roma sobre o *orbis terrarum* e daí da paz a toda a *oikouménē*.

⁸ [...] opes publicae continebantur, quantum ciuium sociorumque in armis, quot classes, regna, prouinciae, tributa aut uectigalia, et necessitates ac largitiones. Quae cuncta sua manu perscripserat Augustus addideratque consilium coercendi intra terminos imperii, incertum metu an per inuidiam.

Referências

1. Documentos textuais

APIANO. Roman History I (trad. Horace White, “Loeb Classical Library”). Cambridge, Massachusetts: Harvard Univ. Press, 1912 (reprinted 1972).

TÁCITO. Annales (ét. e trad. Pierre Wuilleumier), 4 v. Paris: Les Belles Lettres, 1974-1978.

_____. Anais (apres. Assis Brasil; trad. Leopoldo Pereira). Rio de Janeiro: Tecnoprint, s.d.

_____. The Annals and The Histories (trad. Alfred John Church and William Jackson Brodribb). Chicago: Editora Encyclopaedia Britannica, 1952.

VITRÚVIO. Tratado de Arquitetura (trad., introd. e notas de Manuel Justino Maciel, ilustr. Thomas Noble Howe). 3ª ed. Lisboa: IST Press, 2009.

3. Bibliografia específica ao tema

ADAMS, James Noel. (2003). ‘Romanitas’ and the Latin Language. *The Classical Quarterly. New Series, Vol. 53, No. 1*, p. 184-205.

BARTH, Fredrik. (1998). Grupos étnicos e suas fronteiras POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Joyce. Teorias da etnicidade. São Paulo: UNESP, p. 185-228.

BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha; MENDES, Norma Musco; DAVIDSON, Jorge. (2005). A Experiência Imperialista Romana: Teorias e Práticas. *Tempo, v. 9, n. 18*: dossiê Impérios e Imperialismos. Niterói: UFF-Sette Letras, p. 17-41.

CABECEIRAS, Manuel Rolph. (2003). ‘Urbi et Orbi’, nós e os outros: romanidade(s), fronteira étnica e a história como escrita dos dilemas pátrios (Orientador: Ciro Flamarion Cardoso). Tese (Doutorado). Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia: Departamento de História, 2013

CARDOSO, Ciro Flamarion. (s.d.). Cultura, etnia, memória, ideologia, mentalidades coletivas e imaginário (Notas de aula). Niterói.

_____. & FONTES, Virgínia. (2005). Apresentação. *Tempo, v. 9, n. 18*: dossiê Impérios e Imperialismos. Niterói: UFF / Rio de Janeiro: Sette Letras, p. 11-15.

CIZEK, Eugen. (1996). Mentalités et institutions politiques romaines. Paris: Fayard.

FUNARI, Pedro Paulo de Abreu. (2003). A vida quotidiana na Roma antiga. São Paulo: Annablume.

HINGLEY, Richard. (2005). Globalizing Roman Culture: Unity, Diversity and Empire. London - New York: Routledge.

_____. (2006). Recriando coerência sem reinventar Romanização. *Revista Aulas*, nº 2, dossiê Identidades Nacionais). Campinas: <http://www.unicamp.br/~aulas>.

_____. (2010). O imperialismo romano: novas perspectivas a partir da Bretanha. São Paulo: Annablume.

HUSKINSON, Janet. (ed.). (2000). *Experiencing Rome: Culture, Identity and Power in the Roman Empire*. London-New York: Routledge.

JOLY, Fábio Duarte. (org.). (2007). *História e Retórica: Ensaios sobre Historiografia Antiga*. São Paulo: Alameda.

MACHADO, Carlos Augusto Ribeiro. (2011). O império multicultural *in*: CLEMENTE, Guido. (coord.), *Roma: a vida e os imperadores* (catálogo de exposição). Cagliari: Fabula SRL, p. 59-69.

MARQUES, Juliana Bastos. (2007) *Tradição e Renovações da Identidade Romana em Tito Lívio e Tácito*. (Orientador: Norberto Luiz Guarinello). Tese (Doutorado). São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas: Departamento de História.

MATTINGLY, David John. (2010). *Imperialism, Power and Identity: Experiencing the Roman Empire* Princeton: Princeton University.

MENDES, Norma Musco. (1997). O Limes Reno-Danubiano: Conceito e Prática no Alto Império. *Phoînix*, v. 3. Rio de Janeiro: Sette Letras, p. 321-335.

_____. (1999). Romanização: cultura imperial. *Phoînix*, v. 5. Rio de Janeiro: Sette Letras, p. 307-324.

_____. (2003). Estrabão e a enunciação de uma 'estrutura de atitudes e referência da cultura imperial'. *Phoînix*, v. 9. Rio de Janeiro: Mauad X, p. 305--314.

_____. (2004). Centralização e integração na experiência imperialista romana: uma reflexão. *Phoînix*, v. 10. Rio de Janeiro: Mauad X, p. 257-274.

_____. (2005). Religiões e as questões de cultura, identidade e poder no império romano. *Phoînix*, v. 11. Rio de Janeiro: Mauad X, p. 196-220.

_____. (2006). O sistema político do Principado *in*: MENDES, Norma Musco; SILVA, Gilvan Ventura da. (orgs.). *Repensando o Império Romano: perspectiva socioeconômica, política e cultural*. Rio de Janeiro: Mauad / Vitória: UFES, p. 21-52.

_____. (2007). Império e Romanização: 'Estratégias', dominação e colapso. *Brathair* vol. 7, n. 1. <http://www.brathair.com/revista/br/index.html>, p. 25-48.

_____. (2008). "Romanização: a historicidade de um conceito" *in*: CAMPOS, Adriana Pereira; SILVA, Gilvan Ventura da; NADER, Maria Beatriz; FRANCO, Sebastião Pimentel; FELDMAN, Sergio Alberto (orgs.). *Os impérios e suas matrizes políticas e culturais*. Vitória: Flor e Cultura, p. 37-53.

MOLINA, Alejandro Bancalari. (2007). Orbe Romano e Imperio Global. La Romanización desde Augusto a Caracalla. Santiago de Chile: Universitaria.

WIEDEMANN, Thomas Ernst Josef. (1995). Emperors and Gladiators. Londres: Routledge.

WOOLF, Greg. (2000).. Becoming Roman: The Origins of Provincial Civilization in Gaul. Cambridge: Cambridge University Press.

_____. (2001). Inventing Empire in Ancient Rome *in*: ALCOCK, Susan Ellen; D'ALTROY, Terence N.; MORRISON, Kathleen D.; SINOPOLI, Carla M. (eds.). *Empires: Perspectives from Archaeology and History*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 311-322.

_____. (2005). Provincial Perspectives *in*: GALINSKY, Karl. (ed.), *The Cambridge Companion to the Age of Augustus*. Cambridge: Cambridge Univ. Press, p. 106-129.